

## Usuário de drogas e criminalidade – a versão midiática <sup>1</sup>

Autor: Carla de Fátima Borba de Sousa

Instituição: Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – Facisa

### Resumo

Verificar o processo de construção de identidade através das imagens projetadas pela mídia constitui-se numa vertente singular dos Estudos Culturais. Numa perspectiva interdisciplinar, este trabalho tem como objetivo analisar o conteúdo jornalístico veiculado através da mídia impressa sobre o usuário de drogas ilícitas, partindo da premissa que os veículos de comunicação constituem uma força capaz de construir e solidificar imagens, construindo a partir daí história social e a história da própria mídia. O modelo teórico adotado partiu dos estudos culturais, que tem como um dos principais teóricos Stuart Hall. O trabalho se propôs a analisar o conteúdo dos jornais *Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba*, sediados em Campina Grande, na Paraíba, como uma maneira de verificar a imagem que a mídia impressa campinense vem projetando a respeito dos usuários de drogas. Dentre as conclusões, ficou demonstrado que considerando o pensamento vigente sobre o usuário de drogas no imaginário social como sendo estereotipado, há a contribuição da mídia na construção dessa imagem estigmatizada que depõe contra a cidadania.

**Palavras-Chave:** Mídia, Produção de Sentido, Construção de Imagens

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

## **Introdução**

O jornalismo tem hoje um papel fundamental na disseminação de conhecimento e na formação de consensos, considerando que na esfera pública a mídia é a arena dos debates de assuntos do cotidiano. Num papel legitimado por vários segmentos sociais a mídia vai dizendo sobre o que discutir na esfera pública e sobre quais aspectos explorar os temas previamente escolhidos para discussão.

Embora no seu discurso a mídia adote a postura de fim da exclusão social e da democratização dos meios de comunicação, paradoxalmente muitas vezes ainda reforça o *status quo*. A hipótese deste trabalho é de que a imagem marginalizada do usuário de drogas é projetada e reforçada pela mídia, numa reprodução dos conflitos sociais que envolvem o tema.

O objeto de estudo é o conteúdo veiculado pela mídia impressa de Campina Grande, com um recorte específico sobre o tema das drogas e dos usuários de drogas na mídia impressa campinense. O objetivo é analisar comparativamente a imagem dos usuários de drogas projetada pela mídia impressa campinense no início do terceiro milênio, e descobrir como os usuários de drogas estão sendo identificados nos jornais locais.

O corpus da pesquisa engloba textos jornalísticos de janeiro a junho de 2003, publicados nos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba. Como o espectro da pesquisa é amplo, reunindo 102 textos jornalísticos, entre notícias, reportagens, notas, colunas, artigos e editorial, decidimos escolher um foco para amostra deste artigo, nos detendo no aspecto que relaciona o usuário de drogas à criminalidade.

A escolha dos usuários de drogas ilícitas neste estudo se deve ao fato de serem reapresentados como um problema social. O uso de drogas consideradas ilícitas na sociedade brasileira não acontece de forma isolada ou inexpressiva. Apesar da proibição legal, o próprio tráfico revela que há um significativo público consumidor para a produção de alucinógenos no Brasil. Em todo o mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde, a população mundial de consumidores de maconha é de cerca de 163 milhões de pessoas. No Brasil estima-se que sejam três milhões de usuários.

Na Paraíba, de acordo com as estatísticas apresentadas pela Delegacia de Repressão a Entorpecentes da Polícia Federal, em 2000 foram apreendidas 46.568 gramas de maconha, 7.031 gramas de cocaína e 6.075 gramas de crack.

De acordo com pesquisa do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), realizada em 1998, o tráfico e o consumo de drogas são a quarta maior preocupação do povo brasileiro, no caso, uma preocupação que é considerada assunto de polícia. Atualmente, tanto o tráfico quanto o consumo são entendidos como um problema social que deve ser tratado pela justiça. No Brasil, vender e usar drogas são crimes e o usuário, na maioria das vezes, dependendo da sua classe social, é visto como um irresponsável, um marginal.

Para a antropóloga Alba Zaluar (1999, p.12), esse tratamento não contribui para a diminuição do que a sociedade considera um problema, e ainda desrespeita o usuário enquanto cidadão.

Entendendo que os meios de comunicação têm um papel importante na formação da opinião pública, e, portanto, na construção de imagens, é fundamental a importância de analisarmos as estratégias de cobertura do jornalismo impresso sobre as drogas e os seus usuários, considerando que os discursos midiáticos têm um relevante reflexo sobre o imaginário social.

Na interpretação de Alba Zaluar (ibid, p.01) “O conhecimento divulgado pela mídia ainda é extremamente estigmatizador e preconceituoso em relação aos usuários de drogas, o que só vem a piorar a situação deles.”.

Nesse sentido, até que ponto a imagem que permeia o imaginário coletivo sobre o usuário de drogas não é uma construção que conta com a contribuição da mídia? Se essa contribuição existe ou não foi o que procuramos investigar na pesquisa, partindo do pressuposto de que a mídia opera dentro do campo da construção social do sentido.

### **Aspectos metodológicos**

A presente pesquisa realizou um estudo descritivo e comparativo, procurando identificar a linha adotada pelos jornais para abordar a temática dos usuários de drogas. Embora de natureza qualitativa, o estudo resulta em alguns dados quantitativos.

A etapa metodológica foi estruturada em duas partes, com a primeira focalizando a coleta de dados e a segunda, a descrição e a análise dos dados de cada um dos dois jornais pesquisados. O método de abordagem foi o dedutivo e os procedimentos foram o de análise de conteúdo e de análise comparativa.

A interpretação dos resultados foi baseada na observação e a na seleção das matérias. Para descrição e análise dos dados foram utilizados vários teóricos que embasaram o estudo, tais como Stuart Hall (2003a, 2003b), Mattelart (2001), Escosteguy (2001), Gramsci (1982), Kunczik (2001), Bourdieu (1997), Barbero (2003), Wolf (1994), Habermas (1984) e Foucault (1987, 2004). Fundamentada nessa seção se deu a análise comparativa dos dados e as considerações finais.

## **Usuário, tráfico e criminalidade**

A informação é a base do processo de comunicação e uma vez distorcida a comunicação fica comprometida, no que se refere a fidelidade da transformação dos fatos em informação e a conclusão do processo comunicativo, considerando que essa finalização só ocorre com o receptor da mensagem. “[...] uma das características primordiais da cultura das mídias é a ênfase que se coloca na informação como elemento substancial de todo processo comunicativo.” (SANTAELLA, 1996, p. 31)

Considerando o poder de “fogo” da informação Briggs (2004, p. 274) questiona: “Por que, com tantos comentários sobre a ‘sociedade de informação’, as pessoas não estavam adequadamente informadas?”. Quem levanta uma hipótese como resposta é Mattelart:

O desenvolvimento das leis de mercado, sua intrusão na esfera da produção cultural, põem no lugar dessa argumentação, desse princípio de publicidade e dessa comunicação pública (Publizitat) formas de comunicação cada vez mais inspiradas em um modelo comercial de ‘fabricação da opinião’. (Mattelart, 2001: 82).

O modelo comercial pode gerar a informação distorcida, ou a versão da informação próximo do objetivo comercial da mídia veiculadora. Diante da comercialização da mídia Kunczik (2001, p. 37) lembra o compromisso ético do jornalista enquanto tecedor de versões do real. “[...] os jornalistas têm uma responsabilidade profissional para com o público a que estão servindo.”.

Mas, como conciliar os interesses puramente jornalísticos, com os interesses comerciais? Até que ponto a liberdade de imprensa para publicação de informações

enquanto bens públicos, está sendo utilizada para produção de estereótipos de interesse comercial?

Para Gramsci (1982, p. 179) o interesse da mídia é basicamente econômico. “O problema fundamental de todo periódico (cotidiano ou não) é o de assegurar uma venda estável (se possível em contínuo incremento) o que significa, ademais, a possibilidade de construir um plano comercial (em desenvolvimento, etc).”.

O compromisso dos jornais campinenses com o modelo comercial faz muitas vezes com que se priorize os crimes em detrimento de outros temas, numa alimentação da cultura da violência e do tráfico espetacularizado. Nessa cobertura jornalística da criminalidade, com certa freqüência e algumas ressalvas se estabelece o vínculo entre o uso de drogas e a criminalidade. Essa vinculação é também resultante da cultura puritana e etnocêntrica que conceitua o usuário de drogas como símbolo da marginalidade.

Apresentado como criminoso, o usuário é, então, passível da discriminação e do preconceito. De acordo com Foucault o ato de infração dá a sociedade o direito de hostilizar o infrator.

“Efetivamente a infração lança o indivíduo contra todo o corpo social, a sociedade tem o direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta desigual: de um só lado todas as forças, todo o poder, todos os direitos. E tem mesmo que ser assim, pois aí está representada a defesa de cada um. Constitui-se assim um formidável direito de punir, pois o infrator torna-se o inimigo comum. Até mesmo pior que um inimigo, é um traidor pois ele desfere seus golpes dentro da sociedade. Um “monstro”. (FOUCAULT, 1987, p.76).

E é como “monstro” criminoso que o usuário de drogas é representado na mídia, como veremos nos textos a seguir:

#### **Trecho do texto:**

[...] Em sua maioria, jovens pobres, com baixa escolaridade, e segundo Magno de Aguiar Maranhão, presidente da Associação Nacional dos Centros Universitários – Anaceu – são pressionados desde cedo a ganhar o seu pão – começam a trabalhar aos 12, 14 anos – estão se tornando mão-de-obra potencial para o crime organizado, principalmente o tráfico.

“Fenômeno” que também acontece em Campina Grande, com os assassinatos invariavelmente tendo como causas dívidas, acerto de contas e queima de arquivo relacionado ao tráfico de drogas.

[...] Conforme o policial, que se tornou especialista em temas que envolvem jovens e violência, eles acabam por serem tragados com extrema facilidade pelas mazelas da sociedade, como as drogas e a criminalidade. (Diário da Borborema, janeiro de 2003).

A trajetória do usuário em direção a criminalidade é apresentada numa fórmula simples: ele é viciado e para manter o vício, muitas vezes se associa ao tráfico e o destino certo é ser assassinado. A imprensa age num caso como este como mera divulgadora de denúncia, sem problematizar o tema.

Mesmo gozando de liberdade de expressão a imprensa apenas reproduz o discurso da maioria. E como nem todos têm à disposição de suas idéias os veículos de comunicação, esses que estão de fora, via de regra, são o alvo ou estão direta ou indiretamente envolvidos nas imagens projetadas de forma estereotipada. São as minorias marginalizadas.

Neste texto, que descreve um problema social de assassinato da população jovem do município de Campina Grande, os jovens pobres e com escolaridade mínima, que representam um percentual significativo das vítimas dos assassinatos, são apontados como trabalhadores do crime organizado e morrem em função do próprio consumo da droga, mas não por overdose, e sim por ter alimentado o sistema do tráfico que o engoliria. O fenômeno é apresentado como uma equação matemática de resultado preciso. Não há uma discussão das diversas causas do problema, apenas a apresentação do usuário como “bode expiatório” responsável pela própria tragédia.

#### **Trecho do texto:**

[...]

A polícia recebeu denúncia de que ela foi seqüestrada por uma gangue que controla o tráfico de drogas em Belford Roxo.

Em Belford Roxo, os filhos de Solanea estão em casa de parentes pois, temem os traficantes e também a polícia, uma vez que uma equipe de investigadores submeteu dois filhos de Solanea a humilhações para que eles confessassem que estavam de posse de droga. Uma filha de Solanea, de 14 anos,

foi obrigada a ficar despida e os policiais fizeram uma revista íntima a procura de droga.

O drama da paraibana começou há mais de três anos quando seu filho R.M.S., hoje com 16 anos, começou a consumir drogas. No começo era apenas o vício do filho que afligia Solanea, mas depois que ele não conseguiu se livrar das más companhias e passou a vender drogas e também praticar assaltos à mão armada. O menor recebia droga para vender e o acerto era para que semanalmente prestasse conta aos traficantes. Como o menor não estava repassando o dinheiro arrecadado, ela foi seqüestrada. (Diário da Borborema, fevereiro de 2003,).

O texto apresenta a figura das “más companhias” como a condutora para o pecado do consumo das drogas e conseqüentemente para a criminalidade. O usuário não tem como escapar do julgamento e da condenação de ser um estorvo, um infernizador da vida alheia. A imagem que vai se construindo é a de uma figura que causa repulsa e que, sem direito a defesa deve ser exterminada.

Nesse sentido, Connor citando Baudrillard, revela que a mídia trabalha com códigos que têm o poder de emudecer o público, portanto, se esse público não comungar da ideologia dominante não terá voz e os que comungam já estarão contemplados no conteúdo veiculado.

Esse código funciona pela negação da resposta ou da troca na comunicação de massa. Um meio de comunicação de massas fala ao seu público, diz Baudrillard, mas nunca permite que este lhe responda e, na verdade, confirma a mudez do público ao simular a sua resposta através de telefonemas, programas ao vivo, pesquisas de opinião dos espectadores e outras formas de ‘interação’ falsificada. Baudrillard declara, sem meias palavras, que esses meios ‘fabricam a não-comunicação’ (REQUIEM IN CONNOR, 2000, P. 50)

Neste caso, não há versão do usuário e se houver vai ser a versão adequada a linha editorial do jornal.

**Trecho do texto:**

[...] O estudo realizado pela polícia também aponta outro fator determinante para o crescimento do mercado de drogas em João Pessoa.

Muitas pessoas viciadas começaram a se envolver com traficantes para sustentar o vício.[...] (Diário da Borborema, maio de 2003).

Com a mesma linha de raciocínio, o texto, num trabalho de visibilidade das ações da Polícia Federal, divulga que os usuários dependentes de drogas ilícitas da Paraíba estão trabalhando para o tráfico.

Associando o tráfico à imagem veiculada pela mídia nacional, os dependentes químicos, chamados no texto de viciados, estão formando um exército para instalar na Paraíba um governo paralelo, semelhante ao que, segundo o que se divulga, existe no Rio de Janeiro.

Ao contrário do que imaginou Habermas, com uma esfera pública como zona democrática para o discurso, a mídia não oferece visibilidade de forma equânime, independente das posições sociais, mas faz prevalecer o discurso proferido pelos que já dominam na política e na economia. Ainda assim, ela aparece como campo legitimado para veiculação dos discursos de vários grupos sociais, embora faça prevalecer uns em detrimento de outros. Nesse sentido, aparece a verdade da polícia, novamente sem a voz do drogadito.

**Trecho do texto:**

[...]

Segundo o delegado Francisco Lauritzen, cerca de três casos de roubo estão sendo registrados por dia e os prováveis assaltantes estariam trocando os objetos roubados por drogas.

[...]

O delegado afirmou que acredita se tratar de uma gangue, provavelmente formada por viciados em drogas. Os bandidos estariam cometendo os delitos com o intuito de comprar maconha para consumo. (Diário da Borborema, maio de 2003).

**Trecho do texto:**

Luciano das Chagas Silva, 18 anos, foi preso depois de assaltar um casal. Com ele, os PMs encontraram uma espingarda [...] e 20 papalotes de maconha, que ele alegou ser para consumo próprio.

[...]

Luciano assumiu o assalto e ainda afirmou que a arma utilizada lhe pertence, assim como a maconha, que, segundo ele, não seria utilizada para venda, e sim para consumo, já que ele seria usuário de droga. (Diário da Borborema, maio de 2003).

No anexo 27 o texto mostra que o vício conduz a criminalidade, onde o mínimo que se fará para mantê-lo é roubar para comprar mais droga. O usuário é tratado como sinônimo de bandido, sem ressalvas. E o problema não tem outros aspectos senão o policial, o da segurança pública.

Já o título referente ao anexo 28 é taxativo em associar o usuário de drogas a bandidagem, a idéia de marginal, de maldade, de perigoso. Ao mesmo tempo o texto duvida que a droga seria para consumo, quando coloca a identidade de usuário como uma possibilidade e não uma certeza, uma vez que a informação não vem de “fonte confiável”, mas do próprio acusado.

[...] a cultura do grupo minoritário reflete a natureza descentrada e fragmentada da experiência humana contemporânea. Como a sua história identifica as fontes de sua marginalidade, as culturas dos grupos minoritários têm uma legitimidade e um vínculo com o passado que os distinguem de grupos mais assimilados. Mestres da ironia num mundo irônico, eles com frequência compreendem que sua marginalidade faz deles porta-vozes mais apropriados da sociedade do que grupos integrados incapazes de vislumbrar ou de abordar as causas de sua alienação. (LIPSIT apud CONNOR, 2000, p. 153)

Na avaliação de Connor, o marginalizado acaba buscando mecanismos para fazer ecoar sua voz, mas isso não necessariamente inibe as ações preconceituosas da chamada grande mídia.

**Trecho do texto:**

Não houve qualquer sinal de aflição na voz de Moisés ao confessar os crimes. Ele disse à imprensa, que é dependente de cocaína e que passa por muitos problemas por causa do vício, principalmente para comprar a droga que custa caro.

O acusado falou que saiu do Maranhão fugido de uma casa de recuperação de viciados. “Desde que minha mãe morreu que eu uso cocaína. Compro em grande quantidade para mim e para meus colegas”, afirmou dizendo ainda que foi para a Bahia, onde adquiriu uma dívida de mais de R\$ 10 mil com traficantes e estava sendo ameaçado de morte.

Segundo Moisés, ele vendeu o carro, presente de seu pai, para pagar a dívida, mas não conseguiu se manter sem comprar mais droga e gerar mais dívida com o tráfico. (Diário da Borborema, junho de 2003).

Este não é um usuário comum nas páginas dos jornais campinenses. Primeiro que não é do Estado onde a notícia se originou, portanto, mesmo que tenha o perfil de classe social média, é um estrangeiro e não tem porque ter a imagem preservada. Já passou por clínica de recuperação e tinha bens materiais para vender para manter o vício. Este usuário teve um espaço longo para apresentar a sua versão, demonstrando que a mídia oferece um tratamento diferenciado para os usuários em função do lugar de onde ele fala, da sua posição social.

A mídia enquanto meio noticioso, ainda atua como um legitimador social de setores dominantes em detrimento dos setores dominados. O que não quer dizer que cada setor não produza a própria cultura, tornadas híbridas com a ajuda da mídia, que em alguma medida se utiliza e também se apropria dessas culturas, fazendo adaptações. Mas, ao mesmo tempo essa mídia restringe o acesso livre dos produtores das culturas elaboradas pelos setores subalternos, os quais quando conseguem a permissão para expressar os próprios valores sem as interpretações midiáticas, enfrentam limitações.

#### **Trecho do texto:**

Policiais civis prenderam, na noite de segunda, o servente de pedreiro Damião Araújo, conhecido por “Foca”, 25 anos, acusado de tráfico de drogas. A polícia chegou até ele através de um preso albergado da cidade de Santa Luzia, conhecido por José Antônio, que foi detido por estar portando maconha.

A polícia armou o flagrante e fez com que Antonio fosse novamente comprar maconha na casa do traficante.

Ao ser preso Damião jurou Antonio de morte.

Em depoimento Damião inicialmente disse que era viciado, mas acabou confessando que vendia maconha porque estava

desempregado e precisava criar seus cinco filhos. [...] (Diário da Borborema, maio de 2003).

Neste texto um elemento novo é acrescentado no cenário dos consumidores de drogas ilícitas e a relação com o tráfico: o da alternativa econômica. A revelação da venda feita pelo acusado é apresentada como confissão e reproduz o anúncio da polícia de prisão de um traficante que também é apresentado como pedreiro.

A polícia precisa apresentar resultados da repressão, mesmo que seja contra pedreiros que declaram complementar a renda com venda de cigarros de maconha e não contra os grandes refinadores da cocaína, que certamente não estão nos morros cariocas.

### **Considerações Finais**

O papel da mídia na construção e fortalecimento da imagem do usuário de drogas ilícitas foi o aspecto ressaltado na pesquisa, que utilizou a corrente teórica dos Estudos Culturais, relativizando o poder alienante da cultura de massa, mas não desconsiderando o poder da mídia de construir identidades através da projeção de imagens. “Essas imagens projetam modelos sociais e sexuais, formas apropriadas e inapropriadas de comportamento, estilo e moda, além de comportarem engodos sutis que levam à identificação com certas identidades e à sua imitação, enquanto se evitam outras.” (Kellner, 2001, p. 330).

A pesquisa provoca a análise da sociedade através do estudo da mídia, identificando como há nessa mídia a extensão do latifúndio social. Tanto é assim que existem os grupos excluídos do espaço midiático que, no máximo, aparecem como fontes passivas. Nesse sentido, quem define a agenda pública gerenciada pela mídia é quem tem maior poder social e econômico.

Na leitura quantitativa dos dados, basicamente os dois jornais pesquisados adotam a mesma perspectiva para tratar do tema usuário de drogas ilícitas, refletindo as contradições inerentes ao fenômeno das drogas na sociedade contemporânea. Há uma preocupação em associar as drogas a comportamentos negativos com inconsistência de argumentos técnico-científicos, compensado pelo viés ideológico. O modelo explicativo para o fenômeno das drogas adotado pelos dois jornais é o do binômio delinquência/enfermidade, com o primeiro sobressaindo-se em relação ao segundo, uma

vez que nos arquétipos trabalhados na mídia impressa local não há como dissociar drogaditos de violência. Em ambos os jornais o enfoque mais explorado em relação ao usuário de drogas ilícitas foi o policial e a imagem mais projetada do usuário foi a de vítima ou autor de violência. O assunto foi explorado em várias editoriais, mas principalmente na editoria de Cidade (Jornal da Paraíba) e de Cotidiano (Diário da Borborema) que trazem os recortes das cenas passíveis de transformação em informação jornalística.

Após a análise dos dados convém voltar à hipótese inicial constituída no início da pesquisa. A hipótese principal levantada no corpo deste trabalho é a de que a imagem do usuário de drogas, estigmatizada e carregada de preconceitos é projetada e reforçada pela mídia. Diante do conteúdo analisado na amostra desta pesquisa pode-se considerar que a hipótese sugerida foi comprovada, tendo em vista que os usuários têm espaço nos jornais no enquadramento dos modelos prontos, desprovidos de polifonia, com as fontes oficiais com voz garantida e confundida com a voz do próprio jornal, que tem um discurso muito semelhante ao discurso do poder e com crédito de versão fiel do real.

Embora nem todo receptor compactue com esta imagem projetada pela mídia, considerando que há a resistência aos arquétipos veiculados insistentemente pelos veículos de comunicação, há também os que não conseguem resistir e acabam sendo conduzidos pelo caminho apontado pela mídia, sem conseguir enxergar a exclusão dos grupos marginais no diálogo cultural de respeito à alteridade.

Cabe discutir até que ponto essa postura da mídia é apenas reflexo de manipulação por parte da classe dominante ou se há também uma influência de uma série de fatores relativos ao processo de produção de notícias.

Do ponto de vista de Hall, a questão que se coloca é a investigação de como os media operacionalizam a hegemonia, isto é, de que modo eles atuam no sentido de transformar “senso comum” valores e saberes comprometidos com as ideologias dominantes. Novamente, trata-se menos de buscar entender este processo como derivado de uma intervenção direta dos interesses dos setores dominantes, do que como o resultado do trabalho cotidiano dentro de um quadro de referência técnico-profissional aparentemente neutro, mas dotado em última análise de características ideológicas. (ALBUQUERQUE in RUBIM;BENTZ;PINTO, 1998, p. 15).

Nossa investigação não trabalhou na perspectiva do processo de produção das informações como determinante no resultado final apresentado para o receptor, mas consideramos um caminho a mais que pode ser percorrido por outras pesquisas que

venham a explorar o tema. O caminho adotado nesta pesquisa percebeu à luz dos Estudos Culturais que a imagem é cada vez mais importante na construção da identidade e que essa é projetada pela mídia, sendo criada ou reforçada pelos meios de comunicação.

Sabemos da necessidade de relativizar o poder da mídia, mas não podemos superestimar o poder da resistência, ambos têm limites e esses limites a mídia sabe explorar bem, especialmente considerando seu vínculo com o poder, expressados através dos textos que codificam essas relações de poder e de dominação. Mesmo Maquiavel (apud BARBERO, 2003: 35) tendo destacado a força do povo na frase: “Embora ignorante o povo sabe distinguir a verdade”, é preciso pensar sobre que verdade o povo tem acesso e quais as formas de produção dessa verdade. Para muitos, o que a mídia reapresenta como realidade é a própria realidade, a verdade incontestável.

### **Referências bibliográficas**

ALBUQUERQUE, Afonso de. **Manipulação Editorial e Produção de Notícia: Dois Paradigmas da Análise da Cobertura Jornalística da Política.** IN: RUBIM, Antonio Albino Canelas, BENTZ, Ione Maria Ghislene, PINTO, Milton José (Orgs.). **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BERGER, Peter L. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento;** tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet;** tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna – Introdução às Teorias do Contemporâneo;** tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão;** tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização ad Cultura**; tradução Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto a uma Categoria da Sociedade Burguesa**; tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**; tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003a.

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003b.

HENMAN, Anthony Richard. **A Guerra às Drogas é uma Guerra Etnocida – Um Estudo do Uso da Maconha entre os Índios Tenetehara do Maranhão** IN ZALUAR, Alba (Org.). **Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

KELLNER Douglas. **A Cultura da Mídia – Estudos Culturais: Identidade e Política entre o moderno e o Pós-Moderno**; tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação**; tradução: Rafael Varela Jr. 2ª ed. - São Paulo, Edusp, 2001.

LEEDS, Elizabeth. **Cocaína e Poderes Paralelos na Periferia Urbana Brasileira: Ameaças à Democratização em Nível Local**. IN ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). **Um Século de Favela**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**; tradução: Ronaldo Polito e Sergio Alcides. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das Teorias da Comunicação**; tradução: Luiz Paulo Rouanet. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PAIXÃO, Antonio Luiz. **Problemas Sociais, Políticas Públicas**. IN ZALUAR, Alba (Org.). **Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RODRIGUES, Thiago Moreira de Souza. **Política e Drogas nas Américas**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, 2001.

SÁ, Domingos Bernardo Silva. **Projeto para uma Nova Política de Drogas no País**. IN ZALUAR, Alba (Org.). **Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia?**; tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VELHO, Gilberto. **O Consumo da Cannabis e suas Representações Culturais** IN SABINA, Maria (Org.). **Maconha em Debate**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba (Org.). **Drogas e Cidadania: Repressão ou Redução de Riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). **Um Século de Favela**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.